

questionar a noção de música de entretenimento geralmente agregada a essa forma de atividade musical. Ademais, levando em conta que durante os últimos 20 anos a noção de música brasileira no Porto demonstra ser um conceito mutante, permite-se levantar a hipótese de que essa categoria não se refere tanto a um conjunto de músicas, mas sim a uma “sonic imagination” (Sterne 2012).

Lucas Wink é brasileiro, baterista e pesquisador. Estudou na Escola de Música do Estado de São Paulo e na Faculdade Integral Cantareira. Neste mesmo ano, ao ser aprovado para exercer o cargo de músico da Orquestra Jovem Tom Jobim, ganhou uma bolsa de estudos concedida pelo Governo do Estado de São Paulo. Atuou ao lado de grupos e instrumentistas da cena jazzística brasileira e da bossa nova. Publicou artigos na Revista eletrônica *Thesis* e teve comunicações aprovadas para apresentações em congressos realizados em Portugal e em Espanha. Atualmente é aluno do mestrado em Musicologia da Universidade de Aveiro, em Portugal.

O periódico *A Arte Musical* (1899-1915) e os discursos sobre música sinfónica em Portugal no limiar do século XX

Luís Miguel Santos

CESEM - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

O periódico *A Arte Musical* (1899-1915), fundado por Michel'Angelo Lambertini, assumiu-se como uma referência no meio musical português nos primeiros anos do século XX. Contando com a colaboração de várias figuras de proa da vida musical da época (tais como Ernesto Vieira, António Arroio e Luís de Freitas Branco, entre vários outros), as suas páginas davam espaço às temáticas e preocupações que marcavam esse tempo, as quais em grande parte já haviam sido lançadas nas últimas décadas do século XIX, em especial no contexto do periódico musical *Amphion* (1884-87; 1890-1898). Esse é precisamente o caso do interesse crescente manifestado pela música sinfónica, — e em particular a germânica —, num período em que estava em curso um processo de mudança na vida musical, no qual os repertórios sinfónico e de câmara gradualmente conquistavam espaço à ópera. Nesse processo, os críticos musicais e os intelectuais activos na imprensa generalista e nos periódicos musicais parecem, de facto, ter desempenhado um papel fundamental.

Esta comunicação considera o papel do periódico *A Arte Musical* e dos seus colaboradores no referido processo, focando-se nomeadamente nos discursos em torno da música sinfónica. Pretende-se, por um lado, identificar as ideias e valores sobre os quais assenta essa promoção da música sinfónica, desenvolvendo também uma perspectiva diacrónica relativamente ao seu percurso ao longo da existência do periódico. Por outro lado, pretende-se igualmente explorar os mecanismos discursivos envolvidos nesse processo de validação, para, finalmente, avaliar as implicações de tudo isto na construção de uma determinada visão sobre a música sinfónica.

Luís Miguel Santos é doutorando em Ciências Musicais Históricas na FCSH-UNL, usufruindo de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela FCT. A sua dissertação, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Ferreira de Castro, debruça-se sobre a música sinfónica em Lisboa no período 1910-1933. Estudou na Escola de Música do Conservatório Nacional, tendo concluído o Curso Complementar

de Piano (2006), e na FCSH-UNL obteve a Licenciatura em Ciências Musicais (2007), bem como o Mestrado em Musicologia Histórica (2010). Desde 2007, é também investigador Colaborador do CESEM | Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, onde integra o Grupo de Investigação em Teoria Crítica e Comunicação.

O vilancico na obra de Manuel de Tavares: ontem e hoje

Luísa Castilho

Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Manuel de Tavares (c.1585-1638) foi um compositor português, nascido em Portalegre, Portugal, em cuja catedral efetuou a sua formação. Mudou-se depois para Espanha, onde realizou a sua carreira profissional, como Mestre de Capela em várias catedrais do continente e das ilhas Canárias: Baeza, Múrcia, Las Palmas de Gran Canária e Cuenca, onde morreu.

O catálogo da Livraria de D. João IV, obra muito importante para o estudo da música de finais do século XVI e princípios do século XVII, contém a menção a 96 obras de Manuel de Tavares, sendo o sexto compositor mais representado, das quais 43 são vilancicos

Da obra deste compositor chegou aos nossos dias um legado de 28 composições, três das quais sendo vilancicos policorais, para dois e três coros.

Nesta comunicação é proposto caracterizar estes dois legados. Do catálogo far-se-á uma descrição da informação disponível sobre os vilancicos: quantidade, número de vozes, ocasião litúrgica para que foram escritas, classificação dada pelo Rei e línguas utilizadas. Para as obras sobreviventes efetua-se um estudo das suas características segundo os seguintes parâmetros: descrição codicológica e dos conteúdos musicais e o seu enquadramento normativo; e análise da estrutura, da forma, do uso da modalidade, dos materiais e da relação expressiva entre texto e música.

Luísa Correia Castilho doutorou-se na Universidade de Évora com a dissertação intitulada: *As obras de Manuel de Tavares e o desenvolvimento da policoralidade na polifonia portuguesa do século XVII* (Setembro de 2009). Possui o Mestrado em Ciências Musicais com uma dissertação sobre a música na Sé de Castelo Branco, uma Licenciatura em Ciências Musicais e o Curso Geral de Canto e Piano. Participou em congressos, cursos, seminários e jornadas, nacionais e internacionais, no âmbito da musicologia e da educação. Publicou artigos em revistas nacionais e internacionais. Atualmente é Professora Adjunta na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco e investigadora do Unimem/CESEM.

***Hors d'Oeuvres* ao estudo da circulação e recepção de um repertório na Península Ibérica: as óperas de Donizetti e Bellini (c. 1830-1850)**

Luísa Cymbron

CESEM - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Em Portugal, um ditado popular com raízes seiscentistas afirma que "De Espanha, nem bom vento nem bom casamento". Embora se trate apenas de um